



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



Cidades pequenas também segregam: Uma análise em Goiás-GO

Eliézer Carvalho França¹ eliezer3r@gmail.com (PG)

UEG- PPGeo ppgeo@ueg.br

Resumo: O termo segregação socioespacial, nem sempre é empregado da forma mais adequada, o mesmo acontece ao utilizarmos as categorias geográficas, o presente resumo tece de forma investigativa considerações sobre a segregação socioespacial, a partir do pressuposto de que é a classe de renda mais alta que produz, consome e controla o espaço urbano. Buscamos por meio da perspectiva histórica compreender o desenvolvimento do conceito da segregação, buscando também elaborar suportes para o desenvolvimento da pesquisa realizada pelo autor no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Goiás Cora Coralina, onde o autor pretende investigar as segregações socioespaciais em cidades pequenas, que também são cenários de manifestações das segregações. A segregação, portanto, não é simplesmente e somente um fator de divisão de classes no espaço urbano em grandes cidades, mas também um instrumento de controle desse espaço, até mesmo em cidades pouco conhecidas ou com baixa densidade populacional.

Palavras-chave: Segregação. Cidades Pequenas. Urbanização. Políticas Públicas.

Introdução

Existe uma visão poética, acerca de uma cidade pequena como sendo um local intimista e bucólico, simbolizando uma imagem cotidiana que se faz desde os espaços urbanos, algo que já não condiz muito com a própria realidade Brasileira. Hoje em dia, diversas cidades brasileiras apresentam alguns problemas com o índice enorme de violência, gerando diversos problemas de insegurança, ocupações irregulares e segregação. (GOMES, 2002).

Dentre as varias cidades que poderiam ser citadas como pequenas, a cidade de Goiás, reconhecida pela Unesco como Patrimônio Cultural Mundial desde 2001,



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



apresenta dados estimativos bem conflituosos em relação ao crescimento da população, quando em 2000 apresentava uma população residente de 27.120 habitantes, em 2010 com 24.727 e uma estimativa para 2021 de 22.122 habitantes, obviamente não podia-se ainda contar com as mudanças previstas entre os anos de 2010 e 2021, marcado por uma série de acontecimentos na cidade e no mundo.

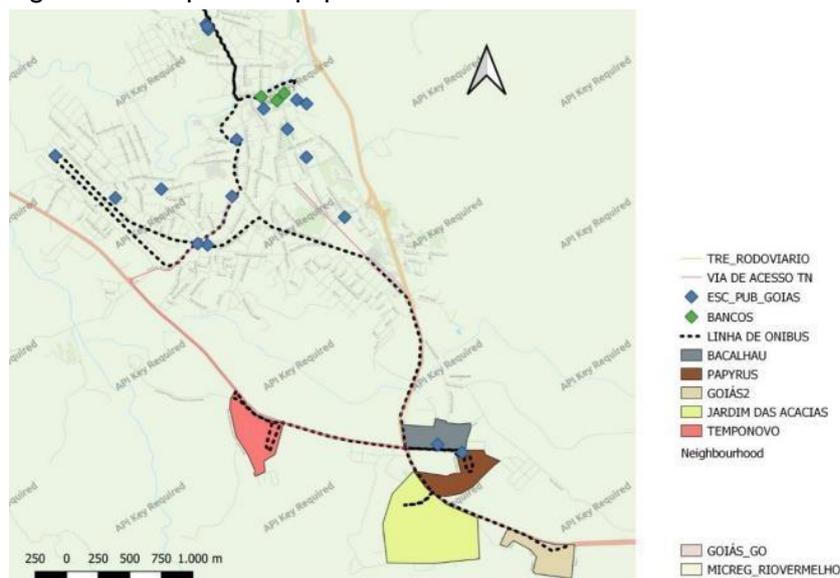
Resultados e Discussão

Através de análises, observamos que bairros como Tempo Novo e Goiás 2 na cidade de Goiás, além da ausência de equipamentos públicos como escolas, creches e outros, não possuem espaços destinados ao lazer, para os moradores desses bairros, a opções é recorrer ao centro da cidade que também é um espaço importante para o município, pois é onde concentra-se um acervo arquitetônico do período colonial, atraindo turistas e movendo a economia.

O mapa a seguir foi apresentado no primeiro semestre de 2021 em uma das disciplinas do Programa de Pós Graduação de Geografia – PPGeo da Universidade Estadual de Goiás, Campus Cora Coralina na cidade de Goiás, o mapa apresenta algumas das concentrações de equipamentos urbanos, onde representa a concentração de bancos e escolas públicas no centro, portanto estes não são os únicos equipamentos urbanos concentrados, há também os supermercados, postos de saúde, assim como outros serviços e áreas de lazer concentradas no centro.



Figura 1 – Mapa de equipamentos urbanos na cidade de Goiás-GO



Fonte: Arquivo e edição do autor (2021)

Além dos equipamentos públicos e privados já citados, é no centro histórico que os moradores do Tempo Novo ou Goiás 2 complementam as relações de troca, não significa que os moradores desses bairros não possam se relacionar apenas em seus bairros, mas diante de fragilidades urbanas, a noção de territorialidade para este se constroem obrigatoriamente a partir das relações com o centro histórico, pois é lá que estudam, compram, se divertem, trabalham.

É importante que exista a troca, e esse não é o problema, mas sim as dificuldades para estabelecer essas trocas, mesmo que na cidade Goiás exista possibilidade de uma livre circulação para seus habitantes, a utilização dos espaços nem sempre ocorre democraticamente, o que nos faz entrar em um outro debate, o do direito a cidade, que perpassa o entendimento da lógica da localização dos recursos no espaços urbanos, como os que já citamos, moradia, trabalho, serviços e equipamentos urbanos.



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



O território construído pela ideia de valor, ou de projeto para a cidade de Goiás que se configura no centro histórico, só existe porque além dos ideais inseridos no seu processo de formação, há também a ação de vários atores, sejam políticos, empresas privadas, ong's e a própria comunidade, mas também conta com a participação dos moradores de bairros distintos.

Considerações Finais

Sabendo que o território é este construído no espaço, partindo das relações e desejos, entende-se que este contempla múltiplos desejos, seja dos moradores do centro histórico no ou dos bairros distintos ao centro, como no caso da cidade de Goiás, se a territorialidade presente nesse processo de troca entre esses atores, porque existe não existe uma apropriação e usos de forma democrática? Acreditamos que sempre haverá um dos atores se sobressaindo em relação ao outro, confirmando que sempre terá uma relação de poder nessas trocas.

A cidade de Goiás não é apenas um cenário composto pela arquitetura colonial, ou empadão goiano, taopouco os picolés do coreto, esta cidade é uma representação, fruto de distintos interesses e interessados. Contudo concluímos que a o território construído a partir das relações do centro da cidade de Goiás com os bairros entendidos aqui como bairros segregados em relação do acesso a equipamentos públicos e privados importantes para a manutenção da existência da urbanidade, fortalece a imagem de cidade como um produto, que é vendido principalmente pera o turista que pouco conhece da cidade.



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



Agradecimentos

À FAPEG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Processo nº 201X/XXXXXXXX-X) pelo apoio financeiro essencial para realização dessa pesquisa.

Referências

- CASTELLS, Manuel. ***A Questão Urbana***. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A prática espacial urbana como segregação e o direito à cidade como horizonte utópico**. In: VASCONCELOS, Pedro de Almeida;
- CORRÊA, Roberto lobato; PINTAUDI, Silvana Maria (orgs). A cidade contemporânea: **A segregação espacial**. São Paulo: Contexto, 2013. 4, 95 –110.
- GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Segregação socioespacial e centralidade urbana**. In: VANSCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato;
- VILLAÇA, Flávio. *O Espaço Intra-Urbano no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP, 2000.
- CORRÊA, Roberto Lobato. ***Trajetórias Geográficas***. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo, Ática: 1993.
- SANTOS, Milton. **A Urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



O Turismo como vetor do desenvolvimento para a população Kalunga do Engenho II

Pedro Almeida Costa¹ (PG) pac.advogado@gmail.com

Universidade Estadual de Goiás - Unidade Universitária de Anápolis - Ciências Socioeconômicas e Humanas - Jundiá

O presente trabalho tem como objetivo debater o turismo como vetor de desenvolvimento para a população Kalunga do Engenho II. Sabe-se que os quilombolas são marcados por uma forte identificação cultural com o seu território e que a comunidade atrai visitantes, dentre outros motivos, por conta da sua rusticidade e tradição. Outro ponto de interesse dos visitantes ao local estudado são as belezas naturais, que podem ser acessas através de algumas modalidades turísticas como o ecoturismo e o turismo de aventura. Independente da modalidade, o turismo é um vetor de desenvolvimento – especialmente econômico -, podendo servir como a porta de entrada para uma mudança estrutural para a população. É importante garantir a preservação de valores culturais e históricos colocando a população no centro da tomada de decisões, apoiada em um projeto de interesse comum do seu próprio povo, dando-lhes autonomia e soberania para decidir o caminho mais acertado de desenvolvimento.

Palavras-chave: Quilombola. Valores Culturais. Soberania.

Introdução

O povo Kalunga é marcado por uma forte identidade territorial, lutando pela demarcação de suas terras e pelo reconhecimento de suas identidades culturais. A



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



comunidade atrai visitantes pela sua rusticidade e tradições. O turismo emerge como uma importante fonte de riqueza econômica podendo ser a porta de entrada de uma mudança estrutural local.

O quilombo se caracteriza por ser um tipo de organização territorial de origem africana funcionando como válvula de escape para diluir a violência da escravidão, significando uma busca por proteção, igualdade de condições, segurança, liberdade e acesso à terra, lutando contra a opressão e à exclusão perversa (MOURA & MOURA, 2015).

São grupos sociais que desenvolveram, ao longo da formação histórico brasileira, características próprias e, há mais de dois séculos, buscam por seus direitos e pelas garantias de seu território (LIMA, 2012).

A existência e resistência do território dos Kalunga implica considerar sua relação com a terra, gerando um reconhecimento de suas identidades culturais e territoriais que, uma vez materializados, são transmitidos às gerações futuras. Os Kalunga reconhecem herança cultural e o local de sua vivência como definidoras do seu grupo social e de sua própria identidade civilizatória (DE ALMEIDA, 2010).

Material e Métodos

A pesquisa se caracteriza por ser teórica e empírica, descritiva e exploratória.



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



O método utilizado é o método etnográfico que, segundo Marconi e Lakatos (2016) refere-se à análise descritiva de grupos étnicos de pequena escala, dizendo respeito aos aspectos culturais de uma população, majoritariamente baseado na observação cujo objetivo é combinar o ponto de vista do observador interno com o externo descrevendo e interpretando a cultura estudada

Resultados e Discussão

O turismo tem o condão de criar um bom relacionamento entre os turistas e os espaços visitados – especialmente se feito de forma ética e com enfoque cultural -, minimizando os impactos sociais e ambientais decorrentes do fluxo de turistas e fomentando uma valorização cultural do espaço visitado.

Se por um lado as atividades turísticas podem gerar uma importante fonte de renda para as comunidades gestoras além de valorizar a sua cultura, por outro deve-se considerar os impactos ambientais e sociais mínimos decorrentes do encontro de turistas com os territórios étnicos (SENA & CHAVEIRO, 2013).

É importante que a comunidade seja colocada no centro da tomada de decisões, apoiada em um projeto de interesse comum do povo, buscando, além do desenvolvimento econômico, avanço nas conquistas sociais e nos ideais de dignidade, justiça, igualdade e soberania.



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



Considerações Finais

O trabalho não tem a intenção de romantizar a atividade turística, como se fosse o único vetor de desenvolvimento de uma população.

O que se busca mostrar é a viabilidade do turismo em comunidades fechadas, especialmente respeitando os saberes e tradições locais que podem ser repassados aos visitantes, contribuindo para desenvolvimento daquela população enquanto auxiliam na preservação de seus próprios costumes e do local visitado.

Agradecimentos

Agradeço à CAPES pela oportunidade de me tornar pesquisador-bolsista. Além disso, agradeço à minha orientadora Professora Joana que é sempre solícita e atenciosa. Por fim, agradeço às contribuições da Professora Janes Socorro Luz e do Professor Jean, ambos do programa TECCER / UEG.

Referências



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



DE ALMEIDA, Maria Geralda. Territórios de Quilombolas: pelos vãos e serras dos Kalunga de Goiás - patrimônio e biodiversidade de sujeitos do Cerrado. **Ateliê Geográfico**, v. 4, n. 1, fev 2010. p. 36-63. Disponível em: < <https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/16682>>. Acesso em 07 ago 2021.

LIMA, Luana Nunes Martins de. Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga: A Emergência da Identidade Étnica Kalunga pelos Direitos Fundiários. In: **Anais do III Congresso Internacional de História da UFG/Jataí: História e Diversidade Cultural**. Jataí: UFG, 2012. Disponível em: < <http://www.congressohistoriajatai.org/2012/anais2012.html>>. Acesso em 18 out 2020.

MARCONI, Maria de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2016.

MOURA, Sílvia Adriane Tavares de. MOURA, Giordana Régia Tavares de. Resistência à Escravidão: As Comunidades Negras Rurais Lagoa da Pedra e Kalunga Mimoso. In: **Anais do Congresso II Encontro de Pesquisadores sobre os Quilombolas Kalunga, Políticas Sociais e Pesquisa no Território Kalunga**. Goiânia: UFG, 2015 Disponível em: <<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/133/o/ANAIS.pdf>>. Acesso em: 18 out 2020.

SENA, Caio César Alencar de. CHAVEIRO, Eguimar Felício. Turismo no Cerrado de Goiás: Espaço Étnico e Turismo Indígena na Chapada dos Veadeiros – Brasil. In: XIV **Encuentro de Geógrafos de América Latina: Reencuentro de saberes territoriales latinoamericanos**, Peru, 2013. Disponível em: < <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Geografiasocioeconomica/Geografiaturistica/19.pdf>>. Acesso em: 20 out 2020.